

GOVERNANÇA RACIAL E SUPREMACISMO BRANCO: A *CHURCH OF THE CREATOR* E A NATURALIZAÇÃO DO RACISMO

Diego Leonardo Santana Silva

Doutorando em História Comparada (PPGHC/UFRJ)

Mestre em Educação (UFS)

Graduado em História (UFS)

Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq)

Bolsista CAPES

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva anarquista e libertária, como o supremacismo branco a serviço de uma Governança Racial é expressado e justificado nas crenças da *Church of the Creator*. Fundada em 1973 por Ben Klassen, a *Church of the Creator* se tornou um dos grupos supremacistas brancos mais atuantes nos Estados Unidos. Sua crença se fundamentava na compreensão de que a raça branca era naturalmente superior às outras e suas atividades eram pautadas em prol da unidade e preservação da mesma. Para expor como isso acontecia analisaremos a obra *Nature's Eternal Religions* (1973) e, a partir disso, demonstraremos como essa “religião racial” fundamentava suas atividades em prol do supremacismo branco e da defesa da ideia de um direito natural que os mesmos teriam de predominar sobre os outros povos. Sendo assim, este trabalho visa contribuir para os estudos relacionados às formas de Governanças, apresentando uma análise deste caso em especial.

Palavras-chaves: Estados Unidos. Governança Racial. Governanças. Supremacismo. Racismo.

Abstract: This article aims to analyze, from an anarchist and libertarian perspective, how white supremacism in the service of Racial Governance is expressed and justified in the beliefs of the Church of the Creator. Founded in 1973 by Ben Klassen, the Church of the Creator became one of the most active white supremacist groups in the United States. Its belief was based on the understanding that the white race was naturally superior to the others and its activities were based on the unity and preservation of this idea. To explain how this happened we will analyze the book *Nature's Eternal Religions* (1973) and, from this, we will demonstrate how this "racial religion" based its activities in favor of the white supremacism and on the defense of the idea of a natural right which they would have to predominate over other peoples. Thus, this work aims to contribute to the studies related to the forms of Governance, presenting an analysis of this particular case.

Keywords: Governance. Racial Governance. Racism. Supremacism. United States.

Introdução

Os Estados Unidos da América é a nação mais rica e poderosa do nosso tempo. Sua influência militar, econômica e cultural se insere em diversos outros países de modo que o que ocorre nos Estados Unidos acaba influenciando de forma direta ou indiretamente em outras realidades. A percepção sobre o que são os Estados Unidos também acaba variando. Temos desde características presente em uma autoimagem ilustrada com noções de democracia e liberdade, visão essa contestada por autores como David Graeber¹, até o ódio presente no antiamericanismo.

Neste artigo nos atentaremos a algo presente na sociedade americana que é a questão racial. Os Estados Unidos é um dos países que mais contam com grupos extremistas de fundamentação racista. Estas organizações atuam desde os tempos da Guerra de Secessão² (1861-1865) e possuem várias faces que vão desde supremacistas brancos, neonazistas, neo-confederados³, entre outros. Segundo dados da *Southern Poverty Law Center* (SPLC), em 2018 existiam 1020 grupos de ódio nos Estados Unidos⁴. Não é difícil ocorrer manifestações que promovem a intolerância como nos eventos ocorridos em Charlottesville na Virgínia em 2017, onde supremacistas brancos e membros de grupos antirracismo entraram em conflito⁵.

O que ocorreu em Charlottesville é apenas um exemplo de como essas tensões fomentam ódio, intolerância e violência no tempo presente. Neste artigo, atentaremos a um movimento que surgiu nos anos de 1980 e que carrega consigo heranças das tensões das décadas anteriores marcadas pelos movimentos ligados à luta pelos direitos civis e a Guerra

¹ Em *Um Projeto de Democracia*, David Graeber apresenta uma análise sobre os fundamentos da democracia estadunidense. Para ele, os Estados Unidos se fundamentam mais em uma República aos moldes de Roma de que em uma democracia grega. Para este autor o conceito de democracia foi deturpado ao longo do tempo até o estabelecimento de um sistema que se diz democrático mas não o é.

² A Guerra de Secessão Americana, também conhecida como Guerra Civil dos Estados Unidos, foi um conflito bélico travado entre os anos de 1861 a 1865. Nela, o norte e o sul deste país entraram em guerra devido a seus opostos interesses econômicos, políticos e sociais que iam desde discordâncias quanto ao modelo econômico (norte industrializado e sul agrícola) até questões envolvendo a escravidão com os estados do sul sendo contrários a abolição da mesma. Tal disputa se acirrou quando os estados sulistas fundaram os Estados Confederados da América. O norte venceu o conflito e a bandeira dos confederados se tornou um símbolo racista nos Estados Unidos até hoje, com este evento se tornando um dos principais acontecimentos tanto da história quanto do imaginário estadunidense.

³ Remete a grupos de extrema-direita inspirados em doutrinas racistas e que fazem apologia aos Estados Confederados da América.

⁴ A Southern Poverty Law Center (SPLC) é uma organização norte-americana sem fins lucrativos que monitora as atividades de grupos de ódio e atividades de extremismo nos Estados Unidos. Em seu site, a SPLC apresenta um mapa do ódio onde é possível encontrar um mapa ilustrado dos Estados Unidos situando grupos nos estados em que eles atuam. No ano de 2018 foram identificados 1020 grupos desse tipo em todo os Estados Unidos. Este é, até aqui, os dados mais atualizados que essa organização possui. Para mais informações acessar <https://www.splcenter.org/hate-map>. Acesso em 13/05/2019 às 16 horas e 48 minutos.

⁵ Para mais informações consultar: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40913908>. Acesso em 05/06/2019 às 14 horas e 13 minutos.

do Vietnã (1955-1975). Figuras como Martin Luther King Jr. (1929-1968), Malcom X (1925-1965) Angela Yvonne Davis se destacaram em sua luta por igualdade, com muitos deles atuando nas atividades do grupo denominado *Panteras Negras*. Em contraponto a isso, surgiram também grupos de extrema-direita que tinham no supremacismo racial um de seus principais fundamentos como a *National Alliance* e o *Aryan Nations*. O ex-pantera negra Lorenzo Kom'boa Ervin chamou atenção para as atividades desses grupos em sua obra *Anarquismo e Revolução Negra* (1993). Para ele:

Os Nazistas skinheads e a Klan são as organizações mais extremistas da direita racista/fascista nos Estados Unidos. Hoje, esses grupos são pequenos, e muitos liberais gostam de minimizar a ameaça que representam, até mesmo defendem seus “direitos” legais de espalhar o seu veneno racista. Mas esses grupos têm um enorme potencial de crescimento e podem se tornar um movimento de massas em um período de tempo surpreendentemente curto, especialmente durante uma crise econômica e política, como a que estamos agora. (ERVIN, 2015, p.28)

Dentre os grupos neonazistas que tinham na supremacia racial seu principal fundamentos e que surgiram nos Estados Unidos nessa época um nos chama atenção, a *Church of the Creator* criada em 1973. Fundado por Benhardt “Ben” Klassen, a *Church of the Creator* – atualmente *World Church of the Creator*⁶ - era uma organização que tinha uma proposta de ser uma religião racial e que deu origem nos anos 1980 ao *Creativity Movement* que nada mais foi do que um movimento organizado para difusão dessa crença. Contando com livros “sagrados”, a *Church of the Creator* baseou sua crença e atuação na noção de que o que eles compreendem como sendo a “raça branca” seria uma raça superior, com as atividades deste grupo sendo em prol da unidade, preservação e proteção da mesma. Conforme veremos adiante, a crença da *Church of the Creator* estava a serviço de um projeto supremacista de governança racial.

Para demonstrar como isso se manifestou neste grupo em especial faremos uso da obra *Nature's Eternal Religions*, escrita por Ben Klassen e publicada pela primeira vez em 1973⁷ e do conceito de Governança Racial a partir da síntese proferida por Wallace Moraes. Sendo assim, este artigo tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva anarquista

⁶ Após a morte de Klassen, Matthew F. Halle assumiu o controle da *Church of the Creator* mudando seu nome para *World Church of the Creator*. Embora essa organização tenha mudado de nome optamos por manter a nomenclatura que a mesma tinha durante período em que a obra de Klassen foi publicada. Tal divisão também ajuda a situar as fases deste grupo, ou seja, durante a gestão de Klassen o nome era um, já quando Halle assume o comando o nome passou por essa mudança.

⁷ A obra de Klassen contou também com publicações em 1992 e com uma edição impressa em 2008. Neste artigo faremos uso da edição publicada em 2008 por isso este será o ano contido nas referências.

e libertária, como a *Church of the Creator* fundamentava e pretendia exercer uma governança racial sobre outras raças.

Governança Racial: princípios e fundamentações

O racismo é um fenômeno presente ao longo do tempo de modo que se faz necessário situar em qual momento histórico o abordaremos. Nosso foco será a partir do século XIX, quando sua cientificação ganhou espaço tanto no campo das ideias quanto a partir de uma fundamentação pseudocientífica de supremacia racial que também acabou sendo levada para o campo social. Escritores como Arthur de Gobineau (1816-1882) defendiam a existência de uma luta racial que ocorria ao longo do tempo e que nela, as raças superiores iriam predominar sobre as inferiores. (DWORK, PELT, 2005).

Outra forma de teorização do racismo foi o surgimento da pseudociência chamada *eugenia*. Criada por Francis Galton (1822-1911), a eugenia defendia a busca por um “melhoramento racial” a partir da ideia de que existiam diferenças genéticas entre os indivíduos. Em síntese, aqueles que tinham pele branca seriam superiores aos negros e demais povos. É válido ressaltar que a pele branca estava associada também a uma questão étnica, por exemplo, na Alemanha nazista existia a concepção de raça ariana de modo que não bastava apenas ser branco, tinha que pertencer a uma etnia específica para estar no topo da cadeia racial nazista.

Como os negros eram vistos como inferiores, começaram a surgir movimentos de embranquecimento de populações visando a prática de um darwinismo social. No Brasil, a miscigenação acabou sendo encarada como uma forma de alcançar esse objetivo. Para alguns, o projeto de nação brasileira passaria por um processo de embranquecimento do seu povo. Tal concepção entrou no imaginário da época e sua representação pode ser visto em quadros como *A Redenção de Cam* (1895)⁸ ou em obras literárias onde aos negros cabe o papel de serviçal. Houve também a defesa da tese de que no Brasil existia uma *Democracia Racial*, visão esta fortemente combatida por autores como Abadias do Nascimento que em sua obra *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista* (1980) defendeu a tese de que não há como existir uma democracia racial em um país no qual ocorre opressão racial (NASCIMENTO, 1980).

Afirmações nesse sentido serviam também como base para a fundamentação do sucesso da colonização europeia na época do imperialismo (século XIX), ou seja, os

⁸ A *Redenção de Cam* é um óleo sobre tela de 1895. Pintado por Modesto Brocos (1852-1936) o quadro acabou se tornando um símbolo da exaltação ao processo de miscigenação como um recurso para o embranquecimento da raça no Brasil.

européus dominavam outros povos porque eram geneticamente superiores. Se tal superioridade era algo natural e que podia ser provada cientificamente, cabia aos povos inferiores o papel de subserviência. Com isso, movimentos de libertação dos povos oprimidos eram descritos como fanáticos violentos e estes povos deveriam ser combatidos inclusive com a ajuda dos nativos. Tal característica pode ser vista em filmes como *Gunga Din* (1939) que narra a história de soldados ingleses que foram atacados por uma tribo de fanáticos indianos. Após o ataque, os ingleses contam com ajuda de um nativo chamado Gunga Din que trai o seu povo para colaborar com os colonizadores.

Tais crenças não se restringiram apenas a um imaginário popular, servindo também como inspiração para os governos da época. Ao comentar a expansão do Império Alemão no século XIX, Richard J. Evans escreveu que:

Sob tais influências, o darwinismo social ganhava aceitação cada vez maior nos círculos governamentais, propagando uma concepção de relações internacionais determinada por uma luta entre raças – germânicos, eslavos, latinos – por sobrevivência e, em última instância, dominação. (EVANS, 2018, p.29)

Nos Estados Unidos não foi diferente. Durante décadas, os negros foram escravizados para serem usados como mão de obra, sendo esta prática bastante importante para o sistema econômico da época. A escravidão somente foi abolida em 1863. Todavia, tanto as tensões raciais quanto a vulnerabilidade social estiveram longe de desaparecer.

É necessário compreender que escravidão, racismo e sistema econômico estão interligados de modo que uma relação como essa acaba necessariamente por trazer sequelas mesmo décadas ou séculos após a escravidão ter acabado formalmente. Para Lorenzo Kom'boa Ervin, o capitalismo é um sistema racista que fomenta tensões raciais transformando-as em uma armadilha que opõe brancos pobres e negros. Devido a posse dos meios de produção e a partir da exploração do trabalho e domínio da propriedade, a classe privilegiada exerce dominância econômica aos demais de modo que tanto um negro quanto um branco pobre são socialmente vítimas desse excludente sistema econômico. Ao dar o privilégio de pele aos brancos menos favorecidos, os proprietários os trouxeram para o seu lado comprando-os com migalhas de modo que essas pessoas não entendem que também são oprimidas (ERVIN, 2015).

Desse modo, o racismo se tornou um instrumento de governança utilizado para fomentar tensões que criam uma ilusão sobre os reais problemas da sociedade. Mas, afinal, o que é governança racial? Para responder a esta pergunta a partir de uma abordagem

anarquista e libertária de análise temos que levar em conta alguns princípios básicos. Primeiramente temos que ter em mente o que compreendemos enquanto anarquismo. David Graeber (2015) lembra que o anarquismo pode ser visto tanto como um movimento político europeu que surgiu no século XIX quanto como uma sensibilidade política mais ampla com o objetivo de produzir uma sociedade genuinamente livre (2015). Essa sensibilidade política se fundamenta na afirmação dos princípios da igualdade e da liberdade, conforme explicou Moraes:

O anarquismo também significa afirmação de alguns princípios. Seus dois principais são o da igualdade e o da liberdade. A defesa da igualdade entre os homens só pode ser plena conjuntamente com a liberdade. Por isso, anarquistas também são conhecidos como libertários. (MORAES, 2018, p.31)

É válido lembrar também que os anarquistas são contrários a qualquer forma de autoridade, não se restringindo apenas aos indivíduos que a exerce como também às instituições que a representam. A existência de pessoas ou instituições com poder a ser exercido sobre outros resulta na negação da igualdade e da liberdade àqueles que são dominados. Portanto, anarquistas e libertários estão contrários tanto às pessoas que exercem autoridade quanto às instituições que legitimam o exercício desse autoritarismo (MORAES, 2018, p.31).

Neste artigo atentaremos a uma maneira de exercer autoridade sobre outras que é a Governança Racial. Para explicar isso recorreremos à interpretação feita por Wallace dos Santos Moraes em *Estadolatry, Plutocracias, Governanças Sociais e Institucionais – Preâmbulo de um Paradigma Anarquista de Análise* (2018). Conforme explicou Moraes, existem governanças sociais e institucionais. Ao todo, as governanças institucionais são cinco (política, econômica, sociocultural, penal e jurídica) e nove formas de governanças sociais (racial, patriarcal, sexual, capitalista, religiosa, acadêmico-científica, da estética produtiva, oficialista e xenofóbica) (MORAES, 2018, p.30). Moraes também explica que as múltiplas formas de governanças estão assinaladas e discutidas há tempos e que as suas vítimas já as sentem diariamente. O que Moraes propõe de novo é que o mesmo oferece recursos para pensar a relação entre governanças sociais e institucionais. Segundo o autor:

Portanto, o que buscamos apresentar aqui não se encerra como nenhuma novidade, mas tem por objetivo reforçar a denúncia da existência dessas opressões para melhor superá-la. Em contrapartida, como parte da lente anarquista, a única novidade que procuramos proporcionar é entender essas opressões como governanças sociais, ligadas diretamente às governanças institucionais. (MORAES, 2018, p. 48)

A experiência histórica demonstra como a governança racial pode estar ligada à governança institucional seja por meio de regimes escravocratas ou de Estados fascistas como a Itália (1922-1943) e a Alemanha (1933-1945) onde existiam leis raciais que proibiam, por exemplo, casamentos entre italianos e etíopes e alemães e judeus, entre outros casos. Além disso, no caso da Alemanha Nazista, o uso de símbolos patrióticos do regime ou mesmo a realização da saudação *Heil Hitler* era proibida para os *forasteiros sociais* (EVANS, 2018).

Para seguirmos adiante faz-se necessário uma definição do que vem a ser governança racial. Moraes apresenta algumas evidências ao construir uma síntese do que a mesma seria. Segundo esse autor, a governança racial:

Valoriza e estabelece como referência ideal a raça Branca, europeus e seus descendentes, oprimidos e/ou desvalorizando *a priori*, negros, indígenas, amarelos e mestiços. Dessa forma, o papel destinado aos negros, indígenas e mestiços na sociedade constitui-se na banalização da sua subalternização, exploração, subjugação e idolatria da cultura branca. A supremacia branca deseja que estes achem trivial sua condição e vivam sem admoestar o Estado, suas leis, e os donos do capital. Caso não se enquadre nessa ordem, estará fortemente ameaçado a sofrer um assassinato ou virar residente permanente de um cárcere. (MORAES, 2018, p. 49)

As características descritas por Moraes subsidiarão a análise a ser realizada adiante. Desse modo, a seguir serão apresentados trechos retirados do livro *Nature's Eternal Religions* em um exercício de contrapô-las com o que Moraes apresentou e assim demonstrar como tais características se manifestaram nessa obra.

A Church of the Creator e a naturalização do Racismo

A *Church of the Creator* é uma organização que prega, a partir de uma “teologia”, a superioridade racial daquilo que eles compreendem como raça branca. Segundo o *Southern Poverty Law Center (SPLC)*, esse grupo também possui características neonazistas, além de contar com a presença de skinheads que promoveram atos de violência (SPLC, 2019)⁹. Em julho de 1993 membro da COTC foram presos por planejar um atentado a uma Igreja Metodista composta por negros em Los Angeles. Após a prisão de dois skinheads, um deles chamado Jeremiah Gordon Knesal revelou às autoridades que era diretor da COTC do estado

⁹ Para ler o perfil completo feito pelo SPLC consultar: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/group/creativity-movement-0>. Acesso em 03/06/2019 às 15 horas e 11 minutos.

de Washington¹⁰.

A “teologia” pregada por Ben Klassen pode ser observada em suas obras que visam embasar sua visão de mundo. Suas principais produções são *Nature's Eternal Religion*, *Rahowa! This Planet Is All Ours*, and *The White Man's Bible*. Klassen foi o fundador e líder desse grupo até seu suicídio em 1993. Ao analisar-mos o conteúdo presente em *Nature's Eternal Religions* percebemos que essa obra apresenta os princípios da *Church of the Creator* a partir de uma compreensão de que a superioridade racial defendida pela mesma estava de acordo com as leis eternas da natureza:

Os princípios e crenças estabelecidos neste livro constituem os Artigos de Fé da Igreja do Criador. Nossas crenças são fortemente reforçadas por uma massa esmagadora de evidências substanciadas. Eles são baseados nas eternas leis da natureza; eles são baseados nas lições e experiências da história; além disso; eles são baseados na lógica, no senso comum e na realidade, não no mito e na fantasia. Nenhuma outra religião pode honestamente fazer essa afirmação¹¹. (KLASSEN, 2008, p.7)

Klassen compreende a natureza como algo governado por leis eternas de modo que a face da natureza até poderia mudar, mas as leis que a regem não apresentando como exemplo leis como a da gravidade. Basicamente, a lei da gravidade é única e se aplicar a todos os seres vivos independentemente das características destes seres. Ela é algo universal e imutável (2008). Klassen continua sua narrativa com uma interpretação sobre o ciclo da vida. Segundo ele, na natureza existem espécies e subespécies e para explicar como isso funciona, são apresentados exemplos a fim de demonstrar tal características em insetos, peixes, etc. No caso dos seres humanos também existiriam várias raças com a raça branca representando o auge da forma humana. Para ele:

Além disso, observamos que a raça humana, agora com cerca de 3,6 bilhões, também é subdividida em muitas espécies e subespécies, com centenas de diferenças em sua constituição física, mental, emocional e psíquica. Muitas dessas diferenças são de grande importância, mas todas são significativas. De todas as espécies da humanidade, nós, os orgulhosos membros da Raça Branca, sentimos que a Natureza, em sua criação de nossa raça ao longo dos milhões de anos, até este momento, alcançou o ápice de sua criação. Acreditamos nisso, e acreditamos nisso porque há uma grande quantidade

¹⁰ Para mais informações consultar: <https://www.adl.org/education/resources/profiles/creativity-movement> acesso em 20/10/2017 às 15 horas e 15 minutos e <http://www.nytimes.com/1993/07/18/us/skinhead-violence-grows-experts-say.html>. Acesso em 20/10/2017 às 15 horas e 40 minutos.

¹¹ Do original: The principles and creed set forth in this book constitute the Articles of Faith of the Church of the Creator. Our beliefs are strongly reinforced by an overwhelming mass of substantiated evidence. They are based on the eternal Laws of Nature; they are based on the lessons and experience of history; furthermore; they are based on logic, common sense and reality, not myth and fantasy. No other religion can honestly make this claim. Tradução nossa.

de evidências substanciais para corroborar essa conclusão. Tenho orgulho de ser um membro da raça branca e sou grato à natureza por ela ter me permitido o privilégio de ser um membro de suas espécies mais notáveis e avançadas¹². (KLASSEN, 2008, p.15)

Percebe-se que encontramos nos escritos de Klassen características da governança racial sintetizada por Moraes. Klassen estabelece enquanto referencial ideal a raça branca e compreende quem foge deste padrão como sendo raças subalternas, inferiores aos padrões do que o mesmo apresenta enquanto raça branca. O apelo às tais *leis eternas da natureza* feita por Klassen insere sua crença no campo argumentativo da naturalidade. Ou seja, a raça branca é superior porque as leis eternas da natureza a fizeram assim. Com isso, a supremacia racial se justificaria enquanto algo concreto.

Outro argumento que Klassen utiliza para justificar a superioridade branca é uma interpretação alternativa da história. Em sua extensa argumentação, Klassen afirma que a raça branca esteve presente em civilizações desde o mundo antigo, sendo responsável pela riqueza cultural do Antigo Egito, da Grécia Antiga e do Império Romano (KLASSEN, 2008, p. 36). Na narrativa de Klassen, após estabelecer a civilização europeia o homem branco desbravou o mundo:

Esses homens brancos europeus, então, com a civilização em seu sangue e em seu destino, cruzaram o Atlântico e estabeleceram uma nova civilização em uma costa sombria e rochosa. Foram os Homens Brancos que dirigiram para o norte, para o Alasca, e para o oeste, para a Califórnia; os homens que abriram os trópicos e subjugararam os Árticos; os homens que dominavam os vales africanos; os homens que povoaram a Austrália e tomaram as portas do mundo em Suez, Gibraltar e Panamá¹³. (KLASSEN, 2008, p.36)

Há também uma exaltação a personalidades históricas que representariam a supremacia da raça branca como Cristóvão Colombo, William Shakespeare e Leonardo da

¹² Do original: Furthermore, we observe that the human race, now numbering approximately 3.6 billion, too, is sub-divided into many species and sub-species, with hundreds of differences in their physical, mental, emotional and psychic makeup. Many of these differences are of major importance, but all of them are significant. Of all the species of mankind, we, the proud members of the White Race, feel that Nature, in her creation of our race over the millions of years, has up to this time, reached the pinnacle of her creation. We believe this, and we believe it because there is a great amount of substantial evidence to corroborate this conclusion. I am proud to be a member of the White Race and I am thankful to Nature that she has allowed me the privilege of being a member of her most outstanding and most advanced species. Tradução nossa.

¹³ Do original: These European White Men, then, with civilization in their blood and in their destiny, crossed the Atlantic and set up a new civilization on a bleak and rock bound coast. It was the White Men who drove north to Alaska and west to California; the men who opened up the tropics and subdued the Arctics; the men who mastered the African Veldts; the men who peopled Australia and seized the gates of the world at Suez, Gibraltar and Panama. Tradução nossa.

Vinci. Após a sua explicação histórica, Klassen conclui que a raça branca seria responsável pela civilização, arte e cultura e que seu destino é governar os outros povos:

Sim, é o homem branco, com seu gênio inato, que deu forma a todo governo e a um meio de vida para todos os outros povos e, acima de tudo, grandes ideais para todos os séculos. Sim, somos nós, camaradas raciais, que foram especialmente dotados pela natureza e escolhidos para ser a elite dominante do mundo. De fato, fomos escolhidos pela natureza para sermos mestres do mundo construindo-o cada vez melhor. Estávamos destinados a ser frutíferos e a multiplicar e a habitar toda a face hospitaleira deste planeta. Este é o nosso Destino manifesto, ordenado pela própria natureza¹⁴. (KLASSEN, 2008, p.37)

Os membros da raça branca seriam os mestres do mundo, destino esse forjado pela natureza e esboçado historicamente. Percebe-se que a governança racial é algo almejado por Klassen. Levando em consideração o direcionamento oferecido por Wallace Moraes – apresentado anteriormente neste artigo – há nos escritos de Klassen, que guiam os fundamentos da *Church of the Creator*, um arcabouço de fundamentação de uma governança racial a ser exercida pela raça branca. Os trechos retirados do *Nature's Eternal Religions* demonstram a forma a qual Ben Klassen Valoriza e estabelece como ideal a raça branca, idolatrando a mesma cabendo aos outros povos um papel de subordinação e aceitação de sua natural condição de inferioridade.

Conclusão

A *Church of the Creator* foi um dos grupos supremacistas brancos mais atuantes nos Estados Unidos durante a época em que o mesmo foi liderado por Ben Klassen. Durante este período o mesmo contou com a publicação de obras como a que foi analisada neste artigo – *Nature's Eternal Religions* – que embasavam um discurso que pregava a superioridade do que Klassen entendia enquanto raça branca em relação a outras etnias.

Conforme explicou Moraes “a essência da opressão racial traduz-se no estabelecimento da governança branca sobre as demais raças” (MORAES, 2018, p.50). Isso é perceptível no projeto “teológico” elaborado por Klassen que remete a uma defesa da superioridade da raça branca embasando suas ideias em argumentos que iam desde o senso

¹⁴ Do original: Yes, it is the White Man, with his inborn and inbred genius, that has given form to every government and a livelihood to every other people, and above all, great ideals to every century. Yes, we are the ones, racial comrades, who were especially endowed by Nature and chosen to be the ruling Elite of the world. Indeed, we were chosen by Nature to be masters of the world by building it ever better and better. We were destined to be fruitful and to multiply and to inhabit the entire hospitable face of this planet. This is our Manifest Destiny as ordained by Nature herself. Tradução nossa.

comum, a princípios da ciência e da natureza. Conforme demonstrado neste artigo, o uso de argumentos pseudocientífico para embasar o racismo é uma prática antiga que visa a construção de argumentos utilizados em prol do uso do racismo em prol de uma armadilha divisiva conforme explicou Lorenzo Kom'boa Ervin.

Klassen defende que a pureza da raça branca deve ser preservada. São as outras raças que corrompem a raça branca com a mesma tendo a missão de se manter pura. É curioso que a tal superioridade genética e natural que os brancos segundo Klassen teriam não pode ser compartilhada com os outros povos. O que demonstra que essa “teologia” de Klassen é, além de racista, excludente. Sendo assim, no contexto aqui apresentado deduzimos que projetos como o da miscigenação para o branqueamento da raça acabam sendo vistos como algo prejudicial.

Faz-se necessário lembrar também que ideias como as de Klassen abominam as diferenças e negam a igualdade entre os diferentes. No mundo supremacista defendido por Klassen o destino que cabe às outras raças é o de serem vítimas da opressão. Anarquistas e libertários são veementemente contrários a tais ideias. Os mesmos defendem dois valores que são fundamentais para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática que são o da liberdade e o da igualdade. Ambos estão ligados não havendo como existir um sem que haja o outro de modo que, como vimos também neste artigo, o exercício da autoridade põe em xeque estes dois princípios negando a todos o direito de serem verdadeiramente livres e iguais.

Projetos de governanças como o de Klassen devem ser repudiados e combatidos a luz de uma perspectiva que evidencie os reais objetivos e perigos que os mesmos apresentam. Para isso, este artigo demonstrou características presentes na *Church of the Creator*, características estas que estão presentes em outras organizações com características semelhantes a mesma. Desse modo, o mesmo visa contribuir para os estudos relacionados a esse tema.

REFERÊNCIAS

Bibliografia:

DWORK, Debórah. PELT, Robert Jan Van. **Holocausto: uma história**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

ERVIN, Lorenzo Kom'boa. **Anarquismo e Revolução Negra e outros textos do Anarquismo Negro**. Tradução: Mariana Correâ dos Santos. Editora Singular, 2015.

EVANS, Richard J. **Terceiro Reich na História e na Memória**. Tradução: Renato

Marques. São Paulo: Crítica, 2018.

GRAEBER, David. **Um Projeto de Democracia – uma história, uma crise, um movimento**. Tradução: Ana Beatriz Teixeira. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

MORAES, Wallace de. *Estadolatria, Plutocracias, Governanças Sociais e Institucionais – Preâmbulo de um Paradigma Anarquista de Análise*. IN: **Governados por quem? Diferentes plutocracias nas histórias políticas de Brasil e Venezuela**. Editora Prismas, 2018.

NASCIMENTO, Abadias do. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980.

Fontes:

KLASSEN, Ben. **Nature's Eternal Religions**. Disponível em: <https://archive.org/details/BenKlassenNaturesEternalReligionbookPdf>. 1ª ed. 1973. 2008.

Sitiografia:

ANTI-DEFAMATION LEAGUE (ADL). Organização jurídica em prol de ações anti difamação que atua nos Estados Unidos. Disponível em: <https://www.adl.org>.

BBC BRASIL. Portal de notícias. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese>.

INTERNET ARCHIVE. Organização de manutenção de mídias digitais. Disponível em: <https://archive.org/>.

NY TIMES. Portal de notícias. Disponível em: <http://www.nytimes.com>.

SOUTHERN POVERTY LAW CENTER (SPLC). Organização sem fins lucrativos que atua em prol dos direitos civis. Disponível em: <https://www.splcenter.org/>.